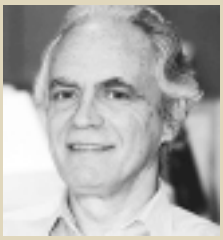
O futuro da economia



Paulo H. Sandroni
FGV-EAESP

Três ocorrências havidas nos anos setenta e oitenta marcaram profundamente a economia brasileira, gerando conseqüências que até hoje se fazem sentir, influenciando, inclusive, nosso futuro. A primeira foi a desvalorização do dólar, em 1971, e a crise financeira decorrente. A segunda foi o barateamento nos transportes e nas comunicações, que facilitou o deslocamento de pessoas, mercadorias e a transmissão de informações. E a terceira foi a reintegração do mundo em um único sistema econômico de "mercado", a partir da dissolução das economias centralmente planejadas.

Essas três ocorrências, ou "revoluções", repercutiram em três frentes principais. A primeira, o aumento da incerteza e uma vertiginosa expansão dos movimentos financeiros especulativos. A segunda, o acirramento da concorrência internacional e a rápida disseminação global de crises regionais. Por fim, a volta da globalização com o retorno da Rússia, China e todo o Leste Europeu como novos *players* globais. O fim das economias socialistas permitiu, nas economias capitalistas, um abandono mais rápido das políticas previdenciárias e de bem-estar social e uma vitória do Estado mínimo.

O Brasil foi pego no contra-pé. Nossos governos não souberam enfrentar adequadamente a nova situação estratégica. A indústria sobreviveu, mas herdamos pesadas dívidas xifópagas: a externa e a interna. Pagamos pesado tributo aos credores – tupiniquins e tupinambás –, o que reduz a velocidade de nosso crescimento.

E quanto ao futuro? O futuro acena com diversas possibilidades de superação. Vejamos algumas. Primeira possibilidade: se os Estados Unidos e o Japão, e alguns países da União Européia, retomarem seu crescimento, ainda que modestamente, somados ao da China, o preço das *commodities* deverá manter-se em um patamar favorável. Hoje, somos campeões na exploração de várias delas e temos território e outras condições ecológicas para nos mantermos no topo dessa pirâmide. Segunda possibilidade: um razoável trato na infra-estrutura de transportes terrestres e um bom banho de loja em alguns portos e armazéns nos dariam uma vantagem competitiva nos mercados asiáticos, o que poderia se estender por décadas. Terceira possibilidade: um mega saldo comercial garantiria nossa solvência externa. Se os três vierem juntos, melhor. No plano interno, a disciplina fiscal – com tropeços – já começa a dar seus primeiros resultados.

Mas as dívidas herdadas exigirão uma saída lenta, dolorosa e perigosa – é como esvaziar uma bolha de sabão sem estourá-la. A caminhada será longa. O excesso de cautela do governo no âmbito da política econômica talvez o exima de cometer grandes erros, embora possa levá-lo a não aproveitar as oportunidades para uma superação menos vagarosa.